

**Vice - Reitor da Universidade de Lisboa e Autoridades Académicas**

**Senhor Embaixador de Angola**

**Senhor Presidente do Conselho de Administração do Hospital Santa Maria – CHLN e também do Centro Académico de Medicina de Lisboa**

**Familiares e Convidados do Prof. Mário Andrea**

**Senhores Professores, Investigadores, Médicos e Profissionais de Saúde**

**Caros Alunos**

**Minhas Senhoras e Meus Senhores**

**Meu Caro Prof. Mário Andrea**

**A lição de jubilação é uma tradição e um dever.**

**Tem um significado irrecusável: é um marco na renovação das Instituições académicas, próprio do DNA da Universidade, tem um significado ético de reconhecimento de uma carreira e do seu impacto na arte e ciência médicas. Tem, por esta razão, uma dimensão de futuro, e não se limita a uma celebração do passado.**

**Em medicina clínica e na nossa realidade onde a actividade académica acompanha e deve acompanhar par e passo a clínica, pareceu-me oportuna uma curta reflexão sobre a medicina académica, tema que tem estado no centro das preocupações, objecto de debate e de vasta bibliografia publicada e que motivou também o interesse do Prof. Mário Andrea.**

**O que é a medicina académica? Constituirá realmente uma necessidade e uma prioridade em tempos de mudança e de dificuldades como aqueles que vivemos?**

**O que caracteriza a Medicina Académica é conhecido: cultura científica, compromisso com a investigação e com o avanço do conhecimento, capacidade de incorporação crítica da inovação, competência, rigor do**

exercício, objectividade, cultura de avaliação crítica permanente, respeito pela Ética e pelo profissionalismo.

Ciência e *praxis medica* de excelência são, pois, os seus componentes fundamentais e por isso, avaliar a sua qualidade não é um exercício fácil e linear, não pode nem deve ser exclusivamente apreciada pelos índices bibliométricos quantitativos tradicionais. É indissociável duma acção clínica de qualidade ao serviço dos doentes, do reconhecimento dos pares e da comunidade profissional.

Qualidade, modernidade, rigor, compromisso com o conhecimento pelo exercício de ciência são os seus atributos, os quais são, também, os requisitos da Boa Medicina, mais eficiente, assente no desenvolvimento científico e tecnológico, na utilização judiciosa dos recursos, na incorporação inteligente da inovação e, por estas razões, mais económica.

A Medicina Académica não é pois um privilégio exclusivo dos académicos, mas é uma necessidade; não subsiste sem uma ecologia favorável à inquietação científica, que promova o hábito da investigação, o diálogo informado com os pares, e uma organização que suscite uma política de avaliação permanente.

No entanto o declínio da Medicina Académica tem sido tema de reflexão e de preocupação generalizados e não apenas entre nós.

Várias razões têm sido consideradas: políticas desfavoráveis à inquietação científica, visão demasiado restritiva e economicista do impacto e custos globais da medicina clínica, preocupação excessivamente focada em indicadores de produção, razões que associadas aos estrangimentos financeiros generalizados têm levado alguns decisores, um pouco por todo o mundo, a considerar a medicina académica como demasiado cara e porventura supérflua.

Mas a sua sobrevivência é fundamental como o enunciou o editor da revista *The Lancet*, ao proclamar num artigo escrito em 2008, a necessidade de ressuscitar o *homo academicus* como prioridade para as políticas de Saúde e de Educação Médica e na organização clínica.

De facto, é indissociável da educação médica, da formação profissional pelo que deve constituir um objectivo estratégico das escolas médicas, e dos seus hospitais e centros clínicos.

A educação médica mudou, pressupõe exposição, precoce e estruturada dos alunos à Medicina, em todas as suas dimensões, mas o hospital continua a ser o grande laboratório para a aprendizagem clínica



estruturada, para a aquisição das competências e capacidade de decisão nas situações mais graves, para a formação do espírito e do *hábito médico*.

Um hospital com dimensão académica é e continuará a ser indispensável à missão de uma boa escola médica.

Por estas razões preservar e promover a medicina académica, de qualidade, é missão prioritária num grande hospital universitário, o que implica estratégia clara, mecanismos de governação institucional próprios, selecção criteriosa, transparente e *accountable* das lideranças, prática empenhada na ciência e na inovação, cultura de organização e de avaliação.

Estes são desafios que não podem ser ignorados; eles são também a expressão do nosso empenhamento e responsabilidade para com o futuro, com a educação e formação dos médicos e dos outros profissionais de Saúde e são expressão do nosso compromisso de responsabilidade pública.

**Minhas Senhoras e Meus Senhores**

**Meu caro Prof. Mário Andrea**

As Universidades têm pois esta dupla responsabilidade, para com o Presente e sobretudo com o Futuro. Vivemos um período de renovação na Universidade de Lisboa, que nos abre perspectivas de desenvolvimento científico e de crescimento ímpar.

No exemplo e na lição dos nossos Mestres encontramos a inspiração para não perder o rumo, honrar o nosso Passado e construir o Futuro.

Nesta ocasião, meu caro Mário, quero realçar a tua carreira, o seu sucesso na sua dimensão clínica e académica e eu estou certo que a Faculdade de Medicina continuará a poder contar com a disponibilidade, o entusiasmo, a criatividade e o dinamismo do Prof. Mário Andrea.

Em meu nome pessoal e da faculdade formulo os melhores votos de Saúde e de sucesso nesta nova etapa da vida, que se vai aproximando inexoravelmente para todos, e agradeço toda a contribuição ao progresso do ensino, ao desenvolvimento da investigação e da clínica que foram marca da actuação do Prof. Mário Andrea.